

Sermão 041

A fidelidade na pobreza

Santo Agostinho

Permaneça fiel ao seu amigo em sua pobreza, para se alegrar com ele em sua prosperidade¹.

Análise

Santo Agostinho se propõe aqui explicar o sentido profundo destas palavras: “Permaneça fiel ao seu amigo em sua pobreza, para se alegrar com ele em sua prosperidade”.

Após salientar que abandonar um amigo caído na indigência é demonstrar que se amava mais suas riquezas do que sua pessoa, o grande Doutor questiona se o objetivo da fidelidade a ser mantida deve ser poder partilhar sua fortuna, quando ele a tiver recuperado.

Evidentemente então que a amizade não era pura. É preciso então procurar aqui um significado mais profundo e mais cristão.

Ora, como se pode ver na história do rico mau, manter a fidelidade com seu próximo na pobreza é partilhar a fé dos pobres, para desfrutar de sua fidelidade, ser recebido por eles nos tabernáculos eterno; é também permanecer fiel a Cristo em suas humilhações, para ser por ele associado à sua felicidade suprema.

¹ Eclesiástico 22: 28.

01

Permanecer fiel ao amigo pobre.

Quando líamos nas divinas Escrituras essas máximas que agora não poderíamos explicar todas, eu observei um pensamento, tão brevemente mencionado quão vasto é o sentido que ele encerra. Para responder, com a ajuda do Senhor e no estreito limite de minhas forças, à viva espera da caridade de vocês, eu resolvi me deter e retirá-lo, para benefício de vocês, do celeiro divino de onde eu tiro com vocês meu alimento.

Veja então que pensamento é este: *Permaneça fiel ao seu amigo em sua pobreza, para se alegrar com ele em sua prosperidade.*

Vejamos primeiro o sentido literal que ele parece apresentar, como podem ver todas as mente, até mesmo aquelas que não cavam muito profundamente as Escrituras divinas.

Permaneça fiel ao seu amigo em sua pobreza, para se alegrar com ele em sua prosperidade.

Nada é mais verdadeiro, diz aquele que se contenta em ouvir. Quando um amigo é pobre, não se pode deixar de ter fé nele, mas permanecer fiel a ele. A amizade não deve mudar com a fortuna, mas a boa vontade deve se firmar e a fé ser mantida. Se ele era meu amigo quando ele era rico e na pobreza não é mais, isto significa que eu amava sua opulência e não sua pessoa.

Se, pelo contrário, eu amava a ele mesmo, apesar das vicissitudes da fortuna, ele não permanece o mesmo? Por que então ele não seria mais meu amigo? Se ele perdeu seu ouro, ele não perdeu seu coração.

Se eu compro um cavalo e lhe tiro sua sela e seu chicote, ele, por causa disso, perde seu valor? Eu amava meu amigo quando ele estava bem ornamentado e agora que ele está despojado eu o desprezo?

É então boa, saudável e perfeitamente adequada às necessidades da humanidade, esta sentença da Escritura: *Permaneça fiel ao seu amigo em sua pobreza.*

02

Quem não desdenha na pobreza partilha na opulência.

Para se alegrar com ele em sua prosperidade. Pois então, o que significa esta última parte? Diremos que o motivo pelo qual se deve permanecer com um amigo em sua pobreza e lhe ser fiel é o desejo de desfrutar também de sua prosperidade?

Diremos: “Agora ele é pobre, mas ele se enriquecerá e não permitirá que participe de sua opulência, se em seu orgulho você desdenhar agora de sua pobreza”.

Permaneça então fiel a ele, mesmo quando ele é pobre, para desfrutar de sua felicidade quando a fortuna lhe for devolvida e, com ela, a alegria. Seja fiel a ele. Ele é pobre, mas tem em sua fé um grande tesouro.

Você se dispôs e aspirou possuir com ele uma propriedade, se ele tivesse uma que pudesse possuir com você. Não é muito mais seguro possuir com ele sua fé? É possível que ele tenha sido despojado de seus bens por algum celerado, mas, quem poderá lhe arrebatá-la sua fé?

O que significa então: *Para se alegrar com ele em sua prosperidade*? Isto significa, sem dúvida, que, de pobre que ele é, ele poderá se tornar rico e que, por não ter desdenhado de sua pobreza, você partilhará de sua opulência.

03

Um ensinamento tirado desta máxima.

A explicação comum dada à primeira parte desta frase me parece conveniente, mas, admito, a explicação da segunda parte me incomoda.

Se, de fato, o motivo pelo qual você permanece fiel ao seu amigo em sua pobreza é o desejo de se aproveitar de seus tesouros, quando ele os tiver recuperado, não é ele mesmo que é seu amigo; é alguma outra coisa que você ama nele.

A fé e a esperança são duas boas amigas, mas o amor as supera. Diz o Apóstolo: *Por ora subsistem a fé, a esperança e o amor; os três. Porém, o maior deles é o amor. Pratiquem o amor*².

Eu me dirijo então a esse amigo. Eu lhe pergunto: “Você se mantém fiel ao seu amigo?”

² 1 Coríntios 13: 13 e 14: 1.

“Certamente”, ele me responde. “Eu aprendi este preceito nos livros sagrados. Eu o recomendei ao meu coração e o confiei à minha memória. Eu me lembro dele com prazer e eu o pratico com mais prazer ainda. Sim, eu ouvi estas santas palavras: *Permaneça fiel ao seu amigo em sua pobreza*”.

“Por que isto?”, eu continuo. “É por causa da sequência, ou seja, *para se alegrar com ele em sua prosperidade*, o que você tem em vista?”

“Eu espero”, ele continua, “que, por não tê-lo desprezado em sua infelicidade, compartilharei de sua felicidade, quando ele estiver enriquecido e cumulado de bens”.

Eu vou questioná-lo ainda um pouco mais. E se essa pessoa, à qual você continua fiel em sua pobreza, se ela jamais se tornar rica? E se ela tiver que permanecer pobre até à morte? Sua esperança frustrada não será mais fiel? Na impossibilidade de compartilhar do ouro do rico, você se arrependerá por ter sido fiel ao pobre?

Se meu interlocutor tiver sentimentos humanos __ Que digo? Se ele tiver sentimentos verdadeiros __ ele se perturbará com minhas perguntas e me dirá que o que digo é verdade.

É bom ser fiel a um amigo, mas se você é fiel a ele em sua pobreza para se aproveitar de sua riqueza, para compartilhá-la com ele, não há dúvida que, ao vê-lo morto indigente e sem a opulência que se espe-

rava, haverá o arrependimento por toda essa fidelidade e se perderá miseravelmente todo o fruto que se gerou por causa dela.

Você vê então que é preciso aprofundar este pensamento e entendê-lo, não no sentido que se pode dar a ele vulgarmente, mas no sentido que tinha em vista a autoridade divina, quando ela o revelou, para nos mostrar alguma grande verdade, nos traçar uma conduta e deveres para os quais não temos que temer a decepção e o arrependimento.

É preciso então, para compreendê-lo, tomar outro caminho.

04

O rico opulento e o pobre Lázaro.

Para isso, observe o pobre Lázaro que jaz à porta do rico. À pobreza de Lázaro se juntava ainda as enfermidades dolorosas. Ele não tinha nem mesmo a saúde física, único patrimônio do pobre. Além disso, ele estava coberto de úlceras que os cães lambiam.

O rico que morava no palácio estava vestido de púrpura e de fino linho. Diariamente ele dava grandes banquetes e se recusava ser fiel ao pobre.

Mas o Senhor Jesus, autor e apreciador da fé, preferiu, com justiça, a fé de Lázaro, às riquezas e às delícias do rico. Ele preferiu esta propriedade do pobre ao orgulho do rico. Assim, ele fez o nome desse pobre ser conhecido, enquanto julgou dever deixar no esquecimento o nome do rico mau.

Ele diz: *Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho finíssimo e que todos os dias se banqueteava e se regalava. Havia também um mendigo, por nome Lázaro*³. Não parece que o Senhor leu isso no livro misterioso, onde ele encontrou escrito o nome do pobre e não o do rico?

Esse livro, de fato, é o livro dos vivos e dos justos e não o livro dos orgulhosos e dos ímpios.

As pessoas divulgavam o nome do rico e não falavam nada sobre o pobre. O Senhor fez o contrário. Ele lançou luz sobre o nome do pobre e não sobre o do rico.

Esse rico não quis então ser fiel ao pobre. Os dois morreram.

*Ora, aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado*⁴. Talvez o pobre não tenha nem mesmo sido sepultado. Seja como for, quando o rico estava *nos tormentos do inferno*, como lemos na Escritura, ele *levantou os olhos e viu, ao longe, Abraão e Lázaro no seu seio*.

Lázaro, o mendigo desprezado pelo rico na porta de seu palácio. Ele não quis ter a mesma fé que ele e não pôde desfrutar do mesmo repouso.

³ Lucas 16: 19 e 20.

⁴ Lucas 16: 22.

*Pai Abraão, compadece-te de mim e manda Lázaro que molhe em água a ponta de seu dedo, a fim de me refrescar a língua, pois sou cruelmente atormentado nestas chamas*⁵, o rico disse.

Ele recebeu esta resposta: *Filho, lembra-te de que recebeste teus bens em vida, mas Lázaro, males. Por isso ele agora aqui é consolado, mas tu estás em tormento. Além de tudo, há entre nós e vós um grande abismo, de maneira que, os que querem passar daqui para vós, não o podem, nem os de lá passar para cá*⁶.

Esse infeliz compreendeu que toda compaixão lhe estava sendo recusada, porque ela havia faltado nele. Ele compreendeu a verdade desta sentença: *Haverá juízo sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia*⁷.

No tempo certo, ele se recusou ter piedade do pobre e, quando era muito tarde, ele teve piedade de seus irmãos. Ele disse: *Rogo-te então, pai, que mandes Lázaro à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para lhes testemunhar, que não aconteça virem também eles parar neste lugar de tormentos*⁸.

Foi então respondido a ele: *Eles lá têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos!*⁹, “se não querem vir parar neste lugar de suplícios”.

⁵ Lucas 16: 24.

⁶ Lucas 16: 25.

⁷ Tiago 2: 13.

⁸ Lucas 16: 27 e 28.

⁹ Lucas 16: 29.

Esse rico tinha desprezado os Profetas. Sem dúvida que ele fez isso com seus irmãos, pois eu creio e estou certo disso, que, quando ele estava com seus irmãos, ele falava dos Profetas, de seus sábios conselhos e de suas severas ameaças, dos tormentos futuros e das futuras recompensas que eles anunciavam. Ele ria de tudo isso e dizia aos seus irmãos: “Que vida pode existir após a morte? Qual pode ser a memória de uma carne em decomposição e o sentimento de um corpo reduzido a pó? Todos são levados e sepultados. Quando foi que disseram que alguém tinha retornado?”

Lembrando-se dessas conversas que ele havia tido, ele quis então que Lázaro retornasse para seus irmãos. Ele quis que eles não pudessem questionar: “Quem retornou?”

É o que explica a perfeição da resposta, pois o rico mau parece ter sido um judeu, pois chama Abraão de pai. Convinha então inteiramente que ele ouvisse esta resposta: *Se não ouvirem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite algum dos mortos*¹⁰.

Isto foi o que se viu entre os judeus. Eles não escutaram Moisés e nem os Profetas e não acreditaram também no Cristo ressuscitado. Não foi o que o Senhor lhes dissera anteriormente, nestes termos: *Se acreditassem em Moisés, certamente acreditariam em mim*¹¹?

¹⁰ Lucas 16: 31.

¹¹ João 5: 46.

05

A condenação do rico é merecida.

Esse rico ficou então sem socorro nas penas eternas, após terem terminado suas delícias temporais. Ele não tinha praticado a justiça e ouviu o que merecia: *Lembra-te de que recebeste teus bens em vida.*

Esta vida que você percebe não é então para você. *Recebeste teus bens.* Estes bens, pelos quais você aspira com tanto ardor e à distância, não são para você.

Onde estão estas reflexões dos ricos e de seus adulares, quando eles veem uma pessoa coberta de prosperidades temporais, com vastas propriedades e que ela estende, multiplica, como que para atrair para ela o chumbo com o qual ela deve se afundar?

Foi, de fato, sob esse peso que esse rico caiu no inferno. Foi sob esse pesado fardo que ele foi precipitado até suas profundezas. Ele não abriu os ouvidos para este convite: *Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, por que eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas*¹².

O fardo de Cristo é como uma asa. O mendigo, com suas asas, voa para o seio de Abraão e o rico não quis nem ouvir falar delas. Ele preferiu as conversas dos bajuladores.

¹² Mateus 11: 28 e 29.

Esse ruído o fez surdo aos ensinamentos dos Profetas e ele tinha prazer em ouvir os pérfidos adutores lhe dizerem: “Só mesmo você. Só você sabe realmente viver!”

Assim, *recebeste teus bens em vida*. Você pensava que eles fossem para você, sem imaginar, sem esperar outros e então: “você os recolheu nesta sua vida”.

Você pensava, de fato, que não havia outra vida e não esperava nada e não temia nada após a morte. Assim, *recebeste teus bens em vida, mas Lázaro, males*. Não os seus males, mas os males; o que as pessoas veem, temem e evitam como grandes males.

Lázaro nesta terra recebeu males. Ele não recebeu os seus bens e, portanto, não os perdeu. Mesmo falando dos males suportados por Lázaro, Abraão não disse seus males. Então, ele não disse sua vida.

Para ele, de fato, havia outra; aquela que o esperava no seio do Patriarca. Aqui, ele estava morto; aqui, ele não vivia. Ele estava morto, no sentido destas palavras do Apóstolo: *Estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus*¹³.

Esse mendigo sofreu aflições temporais. Deus tardou a dar-lhe seus bens, mas não os negou. Por que então, ó rico, desejar no inferno o que você não esperou, quando estava no seio da opulência? Você não desprezou o pobre e riu de Abraão? Você não quis ser fiel ao seu próximo na pobreza e agora quer partilhar de sua felicidade? Você escarne-

¹³ Colossenses 3: 3.

ceu quando lhe disseram: *Permaneça fiel ao seu amigo em sua pobreza, para se alegrar com ele em sua prosperidade*. Agora, contemple de longe essa felicidade; ela não é para você.

Essa felicidade era para o futuro. Era uma felicidade invisível, que necessitava ser acreditada antes de ser vista, para que, ao vê-la, você não lamentasse por não possuí-la.

06

Não desprezemos o pobre.

Assim, meus irmãos, esta frase me parece esclarecida. Os cristãos, de fato, devem compreendê-la de forma cristã e devemos evitar ser fiel ao nosso próximo com a esperança temporal das riquezas que ele pode adquirir. Não utilizemos nossa fidelidade para compartilhar de sua riqueza. Não façamos isso. Não façamos absolutamente isso.

O que devemos fazer, se não é nos conformarmos a este preceito de Nosso Senhor: *Fazei-vos amigos com a riqueza da iniquidade, para que, no dia em que ela vos faltar, eles vos recebam nos tabernáculos eternos*¹⁴. Os pobres entre nós possuem tabernáculos para nos receber?

Fazei-vos amigos com a riqueza da iniquidade, ou seja, com os bens que só a iniquidade chama de bens, pois há outros que a justiça chama assim e eles estão depositados nos tesouros de Deus.

¹⁴ Lucas 16: 9.

Não despreze os pobres que não têm um lar aonde entrar e nem se abrigar. Eles possuem lares sim e eles são eternos. Eles possuem lares onde você desejará inutilmente entrar, como mostra aquele rico, se você não os recolher agora nos seus lares, pois *Aquele que recebe um profeta, na qualidade de profeta, receberá uma recompensa de profeta. Aquele que recebe um justo, na qualidade de justo, receberá uma recompensa de justo. Todo aquele que der ainda que seja somente um copo de água fresca a um destes pequeninos, porque é meu discípulo, em verdade eu vos digo: não perderá sua recompensa*¹⁵.

Este é fiel ao seu próximo em sua pobreza e assim desfrutará de sua prosperidade.

07

Com o termo “amigo”, deve-se entender Cristo.

É seu Senhor mesmo que fala com você. Ele, que se fez pobre, quando era rico. Ele dá ao seu pensamento uma interpretação melhor ainda e mais sólida.

Com relação ao mendigo que você recolheu em sua casa, talvez seu espírito não esteja tranquilo. Você se pergunta se ele é uma pessoa sincera ou um impostor, um enganador, um hipócrita. Como você não pode ler em seu coração, você hesita em lhe fazer uma caridade. Não

¹⁵ Mateus 10: 41 e 42.

tema. Faça caridade mesmo ao ímpio, para assim, também fazê-la ao justo.

Temer que a semente caia no caminho, no meio de espinhos ou no meio de pedras e, por este motivo, não semear no inverno, é se condenar a passar fome no verão¹⁶.

Seja como for, eis o que diz a você seu Senhor e não duvide que ele não seja cristão: “Eu me fiz pobre, quando era rico”¹⁷.

De fato, se ele possuía a natureza divina, o que pode haver de mais rico? *Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. Se não há nada de mais rico do que a natureza divina, o que há de mais pobre do que a natureza de escravo. E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz*¹⁸.

Acrescente-se que, na cruz, ele teve sede e recebeu para beber, não a compaixão, mas o ultraje e, morrendo essa divina fonte de vida, ele bebeu vinagre.

Não despreze, não desdenhe, não diga: “Segue-se daí que meu Deus se fez humano, foi morto e crucificado?” Sim, sem nenhuma dúvida, ele foi crucificado.

¹⁶ Cf. Lucas 8: 5-9.

¹⁷ Cf. 2 Coríntios 8: 9.

¹⁸ Filipenses 2: 6-8.

Desta forma, sua pobreza é recomendada a você. Ele estava longe de você, mas, pela pobreza, ele se aproximou de você.

Permaneça fiel ao seu amigo em sua pobreza. Aqui, pelo menos, o sentido destas palavras não é incerto e nem obscuro. Substitua a palavra *amigo* por Cristo e leia com humildade, pois um Cristo humilde pede uma alma humilde. É preciso ser humilde para se erguer até sua altura.

Leia então com humildade e compreenda que ele é seu amigo. O Senhor não é amigo daqueles que partiram seu coração e que você não possa dizer em sua oração: *Andava triste, como se tivesse perdido um amigo, um irmão*¹⁹.

É preciso então mudar só uma palavra: a palavra *amigo*, acrescentada pelo Profeta à palavra *irmão*, para cobrir sua linguagem com um véu de mistério e convinha que fosse assim, para estimular a busca com mais desejo e para tornar a descoberta mais prazerosa.

Substitua então a palavra *amigo* em sua frase, por Cristo, que a palavra *amigo* representa de uma maneira profética. Observe então como o pensamento se destaca com clareza. Ele brota então, de uma certa maneira, da própria fonte da verdade, para estancar sua sede.

Permaneça fiel a Cristo em sua pobreza, para se alegrar com ele em sua prosperidade. O que significa *Permaneça fiel a Cristo*?

¹⁹ Salmo 34: 14.

Por você, Cristo se fez humano. Ele nasceu de uma virgem, foi coberto de ultrajes, flagelado, pendurado na cruz, furado com uma lança e sepultado.

Ah! Não despreze estas humilhações. Não as veja como incríveis e, desta maneira, você será fiel ao seu amigo. É isto que, de fato, consiste sua pobreza.

Para se alegrar com ele em sua prosperidade. Acolha esta promessa; ela é a expressão de sua vontade. Acolha-a, pois foi para cumpri-la que ele veio até você em sua pobreza.

Acolha estas palavras Daquele que se fez pobre por você: o Senhor seu Deus, que enriquece você.

Veja como você desfrutará de sua felicidade, se você permanecer fiel a ele em sua pobreza: *Pai, quero que, onde eu estiver, estejam comigo aqueles que me deste*²⁰.



²⁰ João 17: 24.

Créditos

Traduzido de *Oeuvres complètes de Saint Augustin*. Bar-Le-Duc:

Abade Raulx Editor, 1866, por Souza Campos, E. L. de.

© 2019 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Conteúdo

Sermão 041	1
Análise	1
01	2
Permanecer fiel ao amigo pobre.	2
02	3
Quem não desdenha na pobreza partilha na opulência.	3
03	4
Um ensinamento tirado desta máxima.	4
04	6
O rico opulento e o pobre Lázaro.	6
05	10
A condenação do rico é merecida.	10
06	12
Não desprezemos o pobre.	12
07	13
Com o termo “amigo”, deve-se entender Cristo.	13
Créditos	17
Conteúdo	18